

O QUE É O EAD? ESTUDO DO CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR 2018

WHAT IS EAD? HIGHER EDUCATION 2018 CENSUS STUDY

Heider Carlos Matos¹
Letícia Graciela dos Santos Lobato²

Resumo: O trabalho resulta da pesquisa sobre Educação a Distância e sobre Ensino Superior e tem por objetivo compreender a história e evolução da modalidade no Brasil, bem como os fenômenos que contribuíram para a sua constituição. O Censo da Educação Superior foi utilizado como base para entender o cenário atual da educação superior brasileira, possibilitando traçar um panorama entre a modalidade presencial e a distância. Para tanto, a metodologia inclui o levantamento bibliográfico de estudos já realizados sobre o assunto, e de temas relacionados nas Ciências Educacionais e na História. Como referências principais, trabalha-se com Moran (2002), Moore e Kearsley (2008), Garcia e Junior (2015), Aretio (1996), Hack (2012) para conceituar o EaD. Nunes (2009), Guarezi (2009), Alves (2009), Faria e Salvadori (2010), Castells (2003), Kipnis (2012) para entender o processo histórico e exposição do estudo do Censo da Educação Superior para apresentar os números da Educação Superior Brasileira: EaD e presencial.

Palavras-chave: Educação; Ensino Superior; EaD; TICS.

Abstract: The work results from research on Distance Education (DE) and Higher Education and aims to understand the history and evolution of the sport in Brazil, as well as the phenomena that contributed to its constitution. The Higher Education Census was used as a basis to understand the current scenario of Brazilian higher education, making it possible to draw a scenario between the classroom and distance learning. To this end, the methodology includes a bibliographic survey of studies already carried out on the subject, and related topics in Educational Sciences and History. As main references, we work with Moran (2002), Moore and Kearsley (2008), Garcia and Junior (2015), Aretio (1996), Hack (2012) to conceptualize distance education. Nunes (2009), Guarezi (2009), Alves (2009), Faria and Salvadori (2010), Castells (2003), Kipnis (2012) to understand the historical process and exposure of the Higher Education Census study to present the figures of the Brazilian higher education: distance and face-to-face.

Keywords: Education; University education; EaD; TICS.

INTRODUÇÃO

A Educação à Distância (EaD) não tem uma data ou um evento específico de sua criação. Experimentos foram feitos ao redor do planeta na tentativa proporcionar o ensino a distância. É possível relacioná-lo com a tecnologia ou com sua evolução. Desde a prensa (e consequentemente a imprensa), inventada por Gutemberg até o *boom* das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC).

O EaD ganhou padrão, mercado, novas possibilidades de ensino foram criadas tornando-se política de ensino e modelo a ser utilizado para a expansão do setor educacional, visando atingir locais que a Educação Presencial não conseguiu atingir. Logo, por meio de

¹ Universidade Luterana do Brasil. Mestrando em Educação. E-mail: eidercarlosmatos@hotmail.com.

² Universidade Luterana do Brasil. Mestranda em Educação. E-mail: leticia.graciela@yahoo.com.br.

pesquisas, como o Censo da Educação Superior Brasileiro, é possível acompanhar sua evolução, bem como, sua penetração nos mercados e por fim suas métricas, preocupação final deste trabalho intitulado: Trajetória da Educação a Distância: estudo do Censo da Educação 2018.

O objetivo central deste trabalho é apresentar os dados da Educação a Distância *versus* Educação Presencial utilizando os dados do Censo da Educação Superior do ano de 2018 (último estudo lançado). Mas antes disso foi preciso entender os conceitos do EaD, debatido por vários autores, o seu processo histórico de constituição, sua relação com a tecnologia, com os meios de Comunicação de Massa e com as novas TIC.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de entender o atual cenário do EaD que apresenta crescimento e expansão para todos os Estados Brasileiros. O censo de 2018 foi o mais esperado frente a adoção de novas políticas e liberação de novos cursos para oferta na modalidade. Esperava-se um crescimento “fora da curva”. Infelizmente, o crescimento foi menor do que esperado, mas o número de matrículas pela primeira vez foi superior ao da modalidade presencial.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi de levantamento bibliográfico de estudos já realizados sobre o assunto, e de temas relacionados nas Ciências Educacionais e na História. Como referências principais, trabalhamos com Moran (2002), Moore e Kearsley (2008), Garcia e Junior (2015), Aretio (1996), Hack (2012) para conceituar o EaD. Nunes (2009), Guarezi (2009), Alves (2009), Faria e Salvadori (2010), Castells (2003), Kipnis (2012) para entender o processo histórico e exposição do estudo do Censo da Educação Superior para apresentar os números da Educação Superior Brasileira: EaD e presencial.

O QUE É O EAD?

Educação a Distância ou simplesmente EaD é um termo ou expressão difundida e propagada cotidianamente pelas Instituições de Ensino através de plataformas digitais e campanhas publicitárias nos meios diversos de comunicação. Mas afinal, o que é a Educação a Distância? É associada as TICs, mas alguns autores apresentam conceitos que não fazem esta ligação. Outros já a relacionam diretamente as TICs.

Por isso, para Moran (2002, p. 1) a EaD é como:

Ensino/aprendizagem onde professores e alunos não estão normalmente juntos, fisicamente, mas podem estar conectados, interligados por tecnologias, principalmente as telemáticas, como a Internet. Mas também podem ser utilizados o correio, o rádio, a televisão, o vídeo, o CD-ROM, o telefone, o fax e tecnologias semelhantes.

A Multidimensionalidade é termo central para Moore e Kearsley (2008) explicar o conceito de Educação a Distância. Assim, a EAD é o “aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do local do ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso e de instrução, comunicação por meio de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais” (MOORE; KEARSLEY, 2008, p. 2).

Garcia e Junior (2015), discorrem que é possível classificar os processos educativos envolvendo duas variáveis: tempo e espaço. Nos processos de educação presenciais professor e aluno se encontram no mesmo espaço e ao mesmo tempo, a exemplo das atividades educacionais realizadas em sala de aula. Na EAD há uma separação do professor e aluno no espaço e/ou tempo. Portanto, ela foi conhecida por muito tempo como o processo educacional que ocorria sem a presença do professor, na qual todo o material instrucional era enviado por correio e que o aluno deveria realizar seus estudos de forma individual e autônoma, a partir do material recebido, geralmente impresso, que havia sido preparado especialmente para aquele curso, com o envio posterior, pelo aluno, de lições ou trabalhos por correspondência.

Com o avanço tecnológico, novos meios de comunicação ampliaram o acesso à informação através de jornais, revistas, rádio, televisão, vídeo e, a EAD também passou a ser veiculada por estas outras TIC. Este tipo de curso sempre “foi valorizado pelo fato do aluno ter flexibilidade do tempo (horários não convencionais de aula) e por ser realizado pelo aluno em qualquer lugar que esteja o que exige, do aluno, disciplina e boas estratégias de estudo” (GARCIA; JUNIOR, 2015, p.1). Além do mais, complementa-se que a EAD é vista como:

Um sistema tecnológico de comunicação bidirecional, que pode ser massivo e que desvia da sala de aula a preferência da interação entre docentes e estudantes, pela ação sistemática e conjunta de diversos recursos educacionais e de apoio de uma organização tutorial que incentiva a aprendizagem independente e flexível dos alunos. Isto é, nesta modalidade de ensino não há dependência direta e supervisão sistemática do docente, mas o aluno recebe o apoio de uma equipe multidisciplinar que é responsável pelo planejamento do material, seu desenvolvimento, produção e distribuição, além de guiar a aprendizagem dos estudantes através das diversas formas existentes de tutoria, que garante uma comunicação fluida em duas vias, a o contrário da comunicação de sentido único, suposta por alguns (ARETIO, 1996 *apud* HACK, 2012, p.14).

O autor relata não aceitar a definição de EaD como uma educação distante, em que o aluno esteja isolado, pois entendemos que se manterá a interatividade constante com os colegas, tutores e professores, em um processo de comunicação dialógica. Mesmo que seja possível ensinar a distância e considerar o aluno um mero receptor das mensagens educativas, ratificamos o entendimento de Aretio (1996) de que para existir educação deve se estabelecer comunicação completa, de mão dupla, com a possibilidade de *feedback* entre docente e discente: “La posibilidad del diálogo es consustancial al proceso de optimización que comporta el hacer educativo (ARETIO, 1996, *apud* HACK 2012, p.15).

Hack (2012, p.15) entende como “uma modalidade capaz de realizar o processo de construção do conhecimento de forma crítica, criativa e contextualizada, no momento em que o encontro presencial do educador e do educando não ocorrer, promovendo-se, então, a comunicação educativa através de múltiplas tecnologias”.

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), por meio do art. 80 do Decreto 2.494 define a EAD como:

É uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação (BRASIL, 1998).

Em resumo, a EAD é a modalidade de ensino que utiliza métodos, técnicas, estratégias e meios variados para intermediar o ensino. Nessa metodologia, aluno e professor são separados fisicamente. Por intermédio das TIC, não há o intermédio de professor e o aluno estuda interagindo com a tecnologia.

INÍCIO DO EAD

Para Nunes (2009), a primeira notícia de método de ensino a distância ocorreu em 1728 com o registro de uma anuncio, no Gazette de Boston, nos Estados Unidos, de aulas por correspondências. Provavelmente a primeira notícia que se registrou da introdução desse novo método de ensinar foi o anúncio das aulas por correspondência ministradas por Caleb Philips (20 de março de 1728, na Gazette de Boston, EUA), que enviava suas lições todas as semanas para os alunos inscritos.

Depois, em 1840, na Grã-Bretanha, Isaac Pitman ofereceu um curso de taquigrafia por correspondência. Em 1880, o *Skerry's College* ofereceu cursos preparatórios para concursos públicos. Em 1884, o *Foulkes Lynch Correspondence Tuition Service* ministrou cursos de contabilidade. Novamente nos Estados Unidos, em 1891, apareceu a oferta de curso sobre segurança de minas, organizado por Thomas J. Foster (NUNES, 2009, p. 3).

Entretanto Holmberg (1986), citado por Romiszowski (2009) explica que o conceito de EAD sempre esteve associado ao uso de meios tecnológicos e que o EaD surgiu no XV após a criação da prensa por Gutemberg, na Alemanha, e conseqüentemente com o surgimento da imprensa.

Em primeiro lugar, a EAD sempre esteve associada ao emprego de meios tecnológicos para armazenar e transmitir informações entre os participantes, ou atores, no processo de ensino-aprendizagem. Na primeira ‘geração’ de EAD — ensino por correspondência — o principal meio de armazenamento foi o papel e foram as tecnologias de impressão de cópias em massa, cada vez mais baratas, que viabilizaram o uso desse meio para a educação. Mas, apesar da invenção do processo de impressão de cópias em massa por Gutenberg nos anos 1430-50, e a gradual disseminação de livros impressos a uma clientela de leitores cada vez maior, a EAD como processo viável de ensino-aprendizagem somente apareceu 400 anos mais tarde, quando os sistemas dos correios se aproveitaram das novas TIC ferroviária para baratear o custo de transmissão de correspondências (HOLMBERG, 1986 *apud* ROMISZOWSKI, 2009).

Freitas (2008) explica que a partir da segunda metade do século XIX, o desenvolvimento da EAD pode ser considerado com êxito, a fim de qualificar e especializar mão-de-obra, face às novas demandas da nascente industrialização, da mecanização e divisão dos processos de trabalho e continuou ao longo do tempo.

É possível encontrar origens do EAD em vários lugares e momentos da história. A primeira geração, com forte característica no estudo por correspondência, ocorreu entre 1728 e 1970. Sua difusão no mundo se deve à França, Espanha e Inglaterra.

Mas o verdadeiro impulso se deu a partir de meados dos anos 60, com a institucionalização de várias ações nos campos da educação secundária e superior, começando pela Europa (França e Inglaterra) e se expandindo aos demais continentes (PERRY; RUMBLE, 1987, *apud* NUNES, 2009, p. 3).

Do início do século XX até a Segunda Grande Guerra, novas metodologias foram desenvolvidas e aplicadas ao ensino por correspondência. Estes métodos foram influenciados

pelos novos Meios de Comunicação de Massa e a grande necessidade de formação de novos recrutas, como explica Nunes:

A necessidade de rápida capacitação de recrutas norte-americanos durante a Segunda Guerra Mundial fez aparecerem novos métodos, entre eles se destacam as experiências de Fred Keller (1983) para o ensino da recepção do Código Morse, que logo foram utilizados, em tempos de paz, para a integração social dos atingidos pela guerra e para o desenvolvimento de novas capacidades laborais nas populações que migraram em grande quantidade do campo para as cidades na Europa em reconstrução (NUNES, 2009, p. 3)

A segunda geração tem como modelo de produção o neofordismo buscando estratégias de alta inovação de produtos e variabilidade do processo de produção, conservando a organização fragmentada e controlada de trabalho.

Essa transição impulsionou a EAD a buscar novos caminhos na tentativa de superação dos paradigmas da sociologia industrial. Nesse período, passaram a coexistir duas tendências: de um lado um estilo ainda fordista de educação de massa e do outro uma proposta de educação mais flexível, supostamente mais adequada às novas exigências sociais (BELLONI, 1999).

A *Open University*, como modelo de Universidade Aberta, foi considerada um marco importante nesse período de transição da primeira para a segunda geração da EAD (GUAREZI, 2009, p. 30). Essa geração utilizou o Rádio e a Televisão como meios para implementação e uso do EAD e a tornou mais aberta, oferecendo maiores oportunidades de escolha temática e tempo de estudo e ainda tratamento personalizado as necessidades individuais do alunado.

Em 1990, tem início o período considerado a terceira geração, a qual, por sua vez, caracteriza-se pela utilização de redes de conferência por computador e estações de trabalho multimídia, como explica Guarezi (2009).

Como foi possível observar a EAD tem relação direta com a tecnologia e tem evoluído à medida que novas possibilidades de informação e comunicação são criadas.

EAD NO BRASIL

Alves (2009) relata que a trajetória da EAD no Brasil é marcada por avanços e retrocessos, e ainda, alguns momentos de estagnação, provocados principalmente pela ausência de políticas públicas para o setor. De acordo com mesmo autor, existem registros

que colocam o Brasil entre os principais do mundo no que se referia à mesma até os anos de 1970. Depois dessa época o Brasil “estagnou e outras nações avançaram e, somente no fim do milênio é que as ações positivas voltaram gerando desenvolvimento considerável nesta modalidade educacional” (ALVES, 2009, p. 9).

Faria e Salvadori (2010) afirmam que pesquisas mostram que já antes de 1900 existiam anúncios em jornais de circulação no Rio de Janeiro, como o Jornal do Brasil, que ofereciam cursos profissionalizantes por correspondência. Eram cursos de datilografia ministrados por professoras particulares e não por Instituições, mas tratavam-se de iniciativas isoladas (FARIA E SALVADORI, 2010)

Alves (2010) traz dados de 1904 da instalação das Escolas Internacionais no território brasileiro, é possível demarcar oficialmente este fato. Estas escolas se tratavam de unidades de ensino estruturadas que eram filiais de uma organização norte-americana. Os cursos sempre eram voltados para pessoas que buscavam empregos, principalmente nos setores de serviços e comércio. Naturalmente o ensino era por correspondência e os materiais didáticos enviados pelos correios, que utilizavam as ferrovias para transporte.

Guarezi (2009) cita como fato importante da EAD a Fundação do Instituto Universal, que apesar de ter sido fundado em 1941, também é considerado como uma das primeiras experiências da modalidade no Brasil, utilizando basicamente material impresso.

Alves (2009) cita várias experiências realizadas em solo brasileiro em que outras instituições destacavam-se por também iniciar cursos por correspondência, entre eles a Escola Rádio Postal criada pela Igreja Adventista em 1943 que oferecia cursos bíblicos; o Senac, que começou suas atividades em 1946 e desenvolveu no Rio de Janeiro e São Paulo a Universidade do Ar que já atingia 318 localidades em 1950; e, a Igreja católica por meio da diocese de Natal/RN, que criou em 1959 algumas escolas radiofônicas que originaram o movimento de Educação de Base.

O Rádio também foi de suma importância para difusão do Ensino EAD no Brasil. Em 1923, por meio de uma iniciativa privada e que teve bastante êxito, foi fundada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. O projeto era considerado pioneiro, entretanto trazia preocupação ao Governo da época que temia a transmissão de programas considerados subversivos. A educação via rádio foi, até esse momento, o segundo meio de transmissão a distância do saber, sendo apenas precedida pela correspondência.

Os primeiros registros do EAD na Televisão no Brasileira ocorreram a partir da década 1960 quando o Código Brasileiro de Telecomunicações, criado em 1967, que determinou a transmissão de programas educacionais por emissoras de rádio e televisão educativa.

Em 1981, o Sistema de Nacional de Radiofusão, com a criação do Fundo de Financiamento da Televisão Educativa (Funtevê) possibilitou que programas educativos fossem colocados no ar em parceria com canais de rádio e televisão educativa. A partir daí as instituições privadas começaram a desenvolver projetos próprios em paralelo com os Governos Federal e Estaduais.

Em 1990, as emissoras foram desobrigadas de transmitir programas educativos e em consequência houve retrocesso no EAD. O tempo passou e os resultados concretos não apareceram apesar de várias ações terem sido propostas e levadas a cabo. Podem ser citadas algumas iniciativas como a da Fundação Roberto Marinho com os telecursos, e a própria TV Educativa com seus programas. No entanto, a forma de difusão dependia das emissoras abertas ou a cabo para o acesso da população em geral.

Os computadores chegaram ao Brasil em 1970, por iniciativa de Universidades. Os aparelhos eram imensos e de alto custo. Dezoito anos mais tarde, por iniciativa Sociedade de Estudantes e Professores Universitários Paulistanos (Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo) e cariocas (Universidade Federal do Rio de Janeiro e Laboratório Nacional de Computação Científica). Mas foi somente em 1996, que a internet brasileira passou a ter provedores comerciais iniciando assim seu desenvolvimento e expansão.

Posteriormente, “já disponível nos computadores pessoais, a Internet ajudou a consolidar a propagação do ensino a distância para todo o sistema educativo brasileiro e mundial” (ALVES, 2009, p.10). A internet possibilitou rapidamente a inclusão digital de praticamente todo o país e o EAD é dependente nos dias atuais dessa tecnologia.

Alves conclui que a história da EAD no Brasil pode ser dividida em três momentos: inicial, intermediário e outro mais moderno. Na fase inicial, os aspectos positivos ficam por conta das Escolas Internacionais (1904), que representam o ponto de partida de tudo, seguindo-se a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (1923).

[...] A terceira instituição é a Abed, que vem colaborando com o desenvolvimento da EAD no Brasil e promovendo a articulação de instituições e profissionais, não só no país como no exterior. Organiza congressos anualmente, hoje internacionais, e promove seminários nacionais (ALVES, 2009, p. 10).

EAD NA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA

Castells (2003) considera o momento atual como um período de transição da revolução tecnológica iniciada na década de 1970 até a entrada no século XXI, com maior clareza sobre não somente a necessidade de mudanças, mas também quanto a seu direcionamento. O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso.

A partir desse raciocínio Kipnis (2012) entende a sociedade pós-industrial como sociedade do conhecimento, trazendo para o centro a educação e o acesso à informação, com influência direta nas instituições educacionais, em suas diferentes dimensões.

Nesse sentido, a EAD e as universidades, bem como outros tipos de instituições educacionais de nível superior, também estão sendo influenciadas pelo impacto causado pelas TICs. O EAD se vê diante de uma nova geração, em relação a outras anteriores definidas pelas tecnologias da época, e as instituições de educação superior se deparam com o atendimento a uma demanda crescente por acesso ao conhecimento e à formação profissional para atuar em um mercado capitalista qualitativamente diferente. Esse cenário atual permite compreender melhor como a EAD veio se desenvolvendo nas instituições educacionais de nível superior no Brasil (KIPNIS, 2012, p.208).

A década de 1990 caracterizou-se pela difusão da revolução nas TICs, marcando o período de início efetivo de entrada da EAD nas instituições de Educação Superior. Nessa mesma década, o EAD foi reconhecido formalmente pelo marco legal brasileiro.

A abertura legal para o ensino superior a distância aconteceu na nova LDB, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Em suas Disposições Gerais, Art. 80, a LDB atribuiu ao Poder Público o papel de incentivar “[...] o desenvolvimento [...] de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades [...], e de educação continuada” (BRASIL, 1996).

Kipnis (2012) afirma que foi na década de 1990 que as universidades começam a despertar para a EAD, principalmente aproveitando a disseminação das TICs e sua aplicação no processo educacional. Esse é o momento, também, em que os Governos Federal e Estadual colocam a EAD em suas agendas de política pública, estimulando a participação das

universidades. A grande mudança, no entanto, se deu, e continua em processo, à medida que cursos de graduação a distância foram sendo ofertados pelas IESs. (KIPNIS, 2012, p. 211).

Hack (2012) explica que caminhada brasileira no ensino superior a distância parte de uma experiência iniciada em 1998 e está conquistando espaços paulatinamente. O primeiro curso universitário a distância em nosso país foi encabeçada pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). O projeto pioneiro criado pela UFMT em 1998 visava formar professores da rede pública a partir da Licenciatura em Educação Básica, da 1ª à 4ª série a distância.

Dois outros marcos são importantes para a consolidação da EAD no Brasil:

A primeira foi a criação da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED). Esta teve seu lançamento em junho de 1995 por um grupo de educadores interessados em novas tecnologias de aprendizagem e também em EAD, consolidou-se como um importante ator, tanto na divulgação da EAD e de toda a inovação inerente, quanto no debate sobre o futuro dessa modalidade a partir de seus congressos. (KIPNIS, 2012).

O Segundo, visando ampliar o acesso e diversificar a oferta de ensino superior em nosso país, no ano de 2005, o MEC criou o sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), que atua até os dias atuais em parcerias que universidade e institutos federais.

Kipnis (2012) explica que o órgão tem como base o aprimoramento da EaD, a UAB visa expandir e interiorizar a oferta de cursos pela ampla articulação entre instituições públicas de educação superior, estados e municípios brasileiros, para promover, através da metodologia da EaD, acesso à formação especializada para camadas da população que estão excluídas do processo educacional.

No Brasil, o EaD, independente de qual seja o seu marco inicial, está presente há mais de 100 anos. Dos cursos por correspondências, passando pelas rádios e televisões educativas até a era da internet. Essa modalidade, com auxílio das TICs, tem ganhado espaços nunca visto antes, quebrando fronteiras e chegando a lugares longínquos do Brasil e do Mundo. No Ensino Superior, é visto como uma forma de expansão das instituições privadas. O crescimento acelerado se deve, além do surgimento de novas TICs, da popularização da banda larga ao nascimento de uma geração que já “nasceu conectada”. A seguir será percorrido os números da Ensino Superior na modalidade EaD *versus* o Ensino Superior com base no último censo da educação superior.

EAD VERSUS ENSINO PRESENCIAL: ESTUDO DO CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR DE 2018

Antes de traçar um estudo comparativo sobre o EaD e o presencial, com base no Censo da Educação Superior 2018 faz-se necessário entender o conceito e sua finalidade. Considerado a mais importante e mais completa pesquisa estatística sobre a educação superior no Brasil, o Censo da Educação Superior, criado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), é lançado anualmente. Com base nas informações obtidas, possibilita a formulação, monitoramento e avaliação de políticas públicas, fornece ainda informações para estudos e pesquisas sobre o setor. São coletados dados sobre: Instituições de Ensino Superior (IES), cursos superiores, e de alunos vinculados aos cursos oferecidos das IES. É possível ainda traçar uma trajetória dos estudantes desde o seu ingresso no ensino superior e em consequência a geração de seus indicadores.

A edição 2018 trouxe dados importantes para o setor. Pela primeira vez, o número de vagas no ensino superior a distância superou o ensino presencial. O estudo mostra ainda uma queda, pelo terceiro ano consecutivo, no número de matrículas do ensino presencial, isso pode se dever a migração do aluno para o EaD, mas não é conclusivo. O número de matrículas do EaD ficou abaixo da expectativa, mas se mantém em crescimento. O percentual de participação do EaD no total de matrículas é o maior já registrado. Entretanto, a evasão desta modalidade ainda é considerada alta.

CENÁRIO DO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

O Censo de 2018 mostrou um crescimento discreto no número de IES no país, impulsionado diretamente pela expansão do setor privado. O número de instituições privadas é consideravelmente superior ao número de instituições de ensino superior públicas. Há um domínio em quase todos os modelos de organizações acadêmicas, com exceção na quantidade de universidades. Neste quesito, há mais universidades públicas que privadas. As matrículas do ensino presencial apresentam queda pelo terceiro ano consecutivo. No entanto, não é considerada expressiva levando em consideração que há uma diminuição de vagas ofertadas pelo Financiamento Estudantil (FIES). Com base no estudo, é possível concluir que há uma estagnação no número de matrículas. A queda também pode ser reflexo da migração de aluno para o EaD (ver Figura 1).

Figura 1 – Número de IES, por organização acadêmica e categoria administrativa – Brasil – 2018.

TABELA 1
NÚMERO DE INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, POR ORGANIZAÇÃO ACADÊMICA E CATEGORIA ADMINISTRATIVA – BRASIL – 2018

ANO	TOTAL	UNIVERSIDADE		CENTRO UNIVERSITÁRIO		FACULDADE		IF E CEFET	
		PÚBLICA	PRIVADA	PÚBLICO	PRIVADO	PÚBLICA	PRIVADA	PÚBLICO	PRIVADO
2018	2.537	107	92	13	217	139	1.929	40	n.a.*

Fonte: Elaboração própria com base em dados do Censo da Educação Superior 2018.
 *Não se aplica.

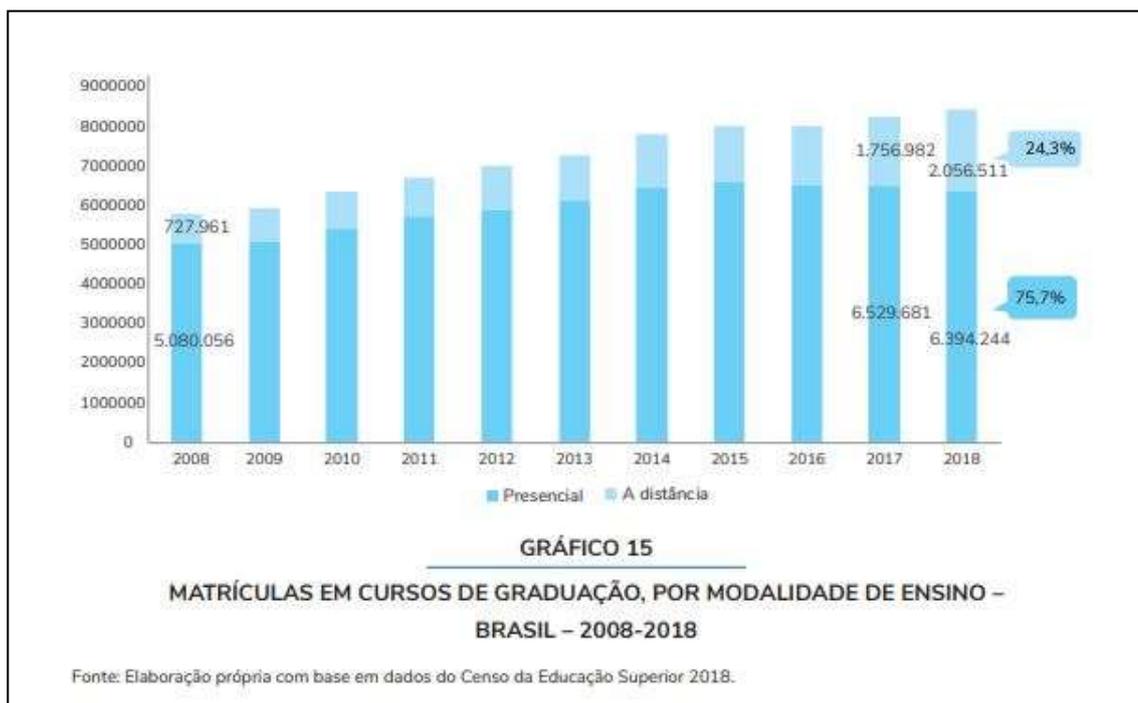
Fonte: Censo da Educação Superior 2018 – Gráfico sobre o número de IES no país.

Ao todo, são 2.537 (dois mil quinhentos e trinta e sete) IES entre públicas (Duzentos e noventa e nove são instituições públicas, das quais: cento e sete são Universidades; Treze Centros Universitários e 179 Faculdades/Cefet's) e privadas (Noventa e duas Universidades, Duzentos e dezessete Centros Universitários e mil novecentos e vinte e nove faculdades).

MATRÍCULAS EAD *VERSUS* PRESENCIAL

O censo aponta que houve um crescimento, em comparação a 2017, no número de ingressantes no Ensino Superior sustentado pelo aumento na oferta de cursos na modalidade a distância, que teve uma variação positiva de 27,9%, entre 2017 e 2018, compensando assim a queda no número de ingressantes no ensino presencial que teve uma variação negativa de - 3.7%. Entre 2008 e 2018, o número de ingressos variou positivamente 10,6% nos cursos de graduação presencial e triplicou (196%) nos cursos a distância. Enquanto a participação percentual de ingressantes de graduação a distância em 2008 era de 19,8%. Em 2018 subiu para quase 40% (ver Figura 2).

Figura 2 – Matrículas em cursos de Graduação, por modalidade de ensino – Brasil – 2018.



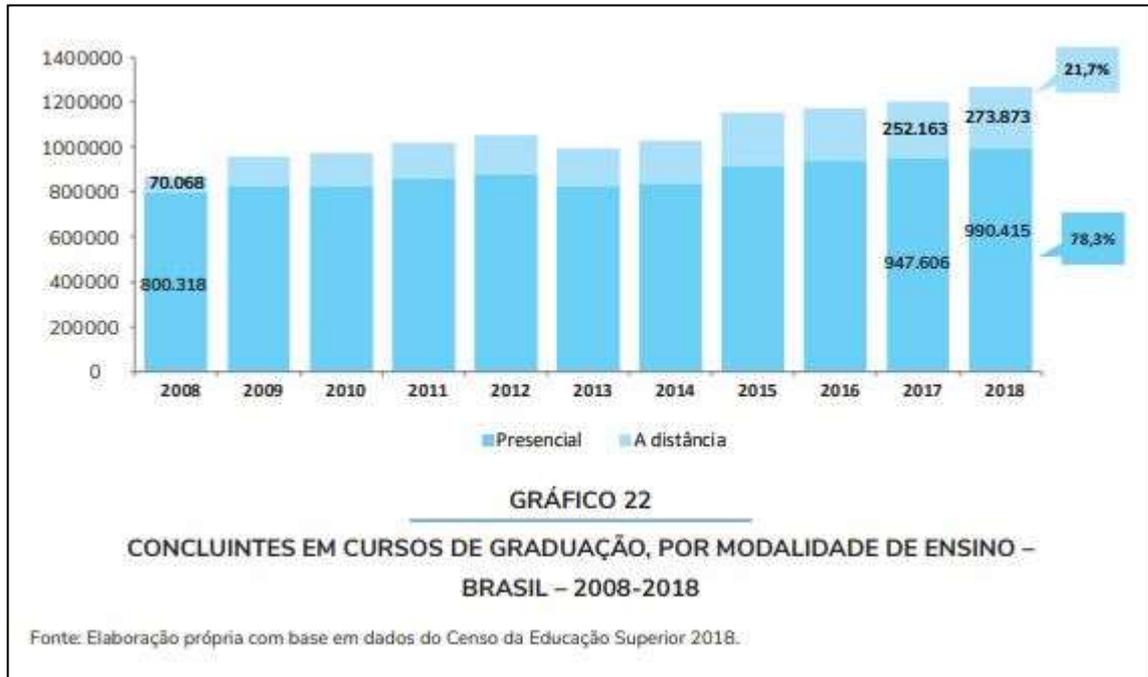
Fonte: Censo da Educação Superior 2018. Número de ingressos por modalidade.

Dois mil e dezoito foi o ano que a modalidade de ensino apresentou o maior número de matrículas, resultado da diminuição de barreiras de entrada e de mudanças regulatórias. Entretanto, o número ficou abaixo da expectativa de especialistas na área. Pela primeira vez, a barreira de dois milhões de matrículas foi ultrapassada, totalizando 2.056.511 (Dois milhões cinquenta e seis mil quinhentos e onze). O número de matrículas representa uma participação de 24,3% na graduação. A variação no ensino a distância foi de 17%. Entre 2008 e 2018, as matrículas de cursos de graduação a distância aumentaram 182%, enquanto a modalidade presencial cresceu apenas 25% no mesmo período.

CONCLUINTE (EAD *VERSUS* PRESENCIAL)

A evasão continua sendo muito grande na Educação Superior, tanto para instituições públicas quanto as privadas e para o ensino presencial quanto para o EaD. Em 2018, o número de concluintes em cursos de graduação presencial teve um aumento de 4,5% em relação ao ano anterior. Já o ensino a distância teve um aumento de 8,6%. Após queda em 2016, o número de concluintes do EaD oscilou positivamente em 2017 e 2018, aumentando sua participação para 21,7% em 2018. No presencial, a participação é de 78,3% (ver Figura 3).

Gráfico 3 – Concluintes em cursos de graduação, por modalidade de ensino – Brasil – 2018.



Fonte: Censo da Educação Superior 2018. Número de concluintes por modalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho acadêmico se preocupou, no primeiro momento, em traçar um histórico da evolução da educação a distância. É possível concluir que há relação a modalidade de ensino com as tecnologias, desde sua gênese. O advento dos meios de comunicação de massa (Rádio e TV) impulsionaram levaram o EaD a lugares longínquos, mas foi após a inserção do computador e da internet que a modalidade se tornou mais acessível. E por fim, as novas tecnologias da informação possibilitaram inúmeras formas de se ensinar e de fato democratizaram o ensino.

Em relação ao Censo, é possível concluir que: mostram um crescimento considerável, mas ainda tímido do setor educacional superior brasileiro, impulsionado pelo crescimento do ensino a distância, que ultrapassou, pela primeira vez, a casa das dois milhões de matrículas, mas que não superou as expectativas do mercado. O ensino superior presencial continua sendo preferência do alunado. O setor privado tem o maior número de instituições de ensino

superior e conseqüentemente oferta o maior número de vagas tanto na modalidade presencial quanto na modalidade EaD, impulsionando assim o desenvolvimento do setor educacional.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. R. M. A história da EAD no Brasil. In: LITTO, F. M. e FORMIGA, M. (orgs). **Educação a Distância o Estado da Arte**. São Paulo: Pearson Education, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 25 mar. 2020.

CASTELLS, M. “A era da informação: economia, sociedade e cultura”. In: _____. **Fim de Milênio**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. v.3.

GUAREZI, R. C. M; MATOS, M. M. **Educação a distância sem segredos**. Curitiba: IbpeX, 2009.

KIPNIS, B. A história da EAD no Brasil. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs). **Educação a Distância o Estado da Arte**. São Paulo: Pearson Education, 2009.

MOORE, M.G.; KEARSLEY, G. **Educação a Distância: uma visão integrada**. Tradução de: Roberto Galman. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

MORAN, J. M. O que é educação a distância. Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.

NUNES, I. B. A história da EAD no mundo. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs). **Educação a distância o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education, 2009.

ROMISZOWSKI, A. J. A história da EAD no mundo. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs). **Educação a distância o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education, 2009.

FARIA, A.A.; SALVADORI, A. A educação a distância e seu movimento histórico no Brasil. **Revista das Faculdades Santa Cruz**, v. 8, n. 1. 2010. Disponível em: [http://files.uft-edu-br.webnode.com/200000028-e6cdae7683/08-educacao-a-distancia-e-seu-movimento-historico-no-brasil%20\(1\).pdf](http://files.uft-edu-br.webnode.com/200000028-e6cdae7683/08-educacao-a-distancia-e-seu-movimento-historico-no-brasil%20(1).pdf). Acesso em: 25 mar. 2020.

GARCIA, V.L.; JUNIOR, P.M.V Educação à distância (EAD), conceitos e reflexões. **Revista FMRP/USP**. 2015. Disponível em: http://revista.fmrp.usp.br/2015/vol48n3/simp1_Educacao-a-distancia-conceitos-e-reflexoes.pdf . Acesso em: 25 mar. 2020.

HACK, J.R Introdução à Educação a Distância. **Universidade Federal de São Carlos**, Florianópolis 2011. Disponível em: <https://uab.ufsc.br/portugues/files/2012/04/livro-introdu%c3%a7%c3%a3o-a-EAD.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2020.